



*Manual para  
composição  
de vitrais*

**MARCUS VINÍCIUS RODRIGUES**

*Manual para composição de vitrais*



Marcus Vinícius Rodrigues

*Manual para composição de vitrais*

Fundação Gregório de Mattos  
Salvador, 2019



**Prefeito**

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

**Secretário Municipal de Cultura e Turismo**

Claudio Tinoco Melo de Oliveira

**Presidente da FGM**

Fernando Guerreiro

**Chefe de Gabinete**

Edwin Silva das Neves

**Assessora Chefe**

Viviane Vergasta Ramos

**Assessor Técnico**

Plutarco Drummond de Magalhães Neto

**Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação**

Eric Ferreira de Castro

**Assessora Jurídica**

Thais Conceição de Santana

**Gerente Administrativo-Financeiro**

Gildete Nascimento Ferreira

**Diretora de Planejamento e Projetos Culturais**

Silvia Maria Russo de Oliveira

**Gerente de Promoção Cultural**

Felipe Dias Rego

**Gerente de Equipamentos Culturais**

José Francisco de Assis Santos Silva

**Diretora de Patrimônio e Humanidades**

Milena Luisa da Silva Tavares

**Gerente de Patrimônio Cultural**

Magnair Santos Barbosa

**Gerente de Bibliotecas e Promoção do Livro e Leitura**

Claudijane Pereira Palma

**Assessora de Comunicação**

Patricia Lins Cerqueira Rocha Barbosa

Copyright © by Fundação Gregório de Mattos

Todos os direitos reservados.

**Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano II as seguintes publicações:**

**Adelice Souza** / *Álbum fabuloso* / Conto

**Antonio Farias de Oliveira Junior** / *O preferido de Exu* / Romance

**Carla Bittencourt** / *Kanoni* / Literatura Infantil

**Gilka Bandeira** / *Janelas abertas* / Crônica

**Luciana Comin** / *Céu de Maracangalha* / Dramaturgia

**Marcelo Lima** / *O Bicho que Chegou a Feira* / Livre - Adaptação

**Marcus Vinícius Rodrigues** / *Manual para composição de vitrais* / Poesia

**Nívia Maria Vasconcellos** / *A paixão dos suicidas* / Livre - Novela

**Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro Ano II**

Alana de Oliveira Freitas El Fahl, Carlos Jesus Ribeiro, Cleise Furtado Mendes, Edilene Dias Matos, Gerana Costa Damulakis, Maria Isabel Vianna Telles Velloso, Ordep Serra

**Coordenação** | Claudijane Palma e Magnair Barbosa

**Revisão** | Conceição Rodrigues

**Capa** | Samuca Andrade

**Fotografia da capa** | Breno Laprovítera

**Diagramação** | Carolina Valois

**Impressão** | Gráfica e Editora Liceu

F981m      Rodrigues, Marcus Vinícius  
Manual para composição de vitrais / Marcus Vinícius  
Rodrigues; Fundação Gregório de Mattos. – Recife:  
Editora Liceu, 2019.  
61p. : il.

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDU 869.0(81)-1  
CDD B869.1

PeR – BPE 19-192

ISBN: 978-85-5531-062-1

*Para Carlinhos, sempre.*





*Todas as coisas já estão ditas;  
mas como ninguém escuta,  
é preciso recomeçar sempre.*

André Gide



O lançamento da **Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano II** é resultado do trabalho da Fundação Gregório de Mattos/ Prefeitura Municipal de Salvador, com as práticas de incentivo e promoção do livro e da leitura. A **Coleção** cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que “*incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais*”, consoante com o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

Esta coleção conta com oito títulos de autores baianos, que experimentam diferentes gêneros literários, passando pelo conto, romance, crônica, poesia, dramaturgia, literatura infantil e adaptação de um livro para a linguagem dos quadrinhos. Os temas variam desde questões pessoais, lendas infantis, racismo, até fatos reais, como na peça teatral *Céu de Maracangalha*, traçando um painel rico e diversificado da nossa produção literária.

João Ubaldo Ribeiro era irreverente, irônico, bem humorado... um contador de “causos” genuíno. Reunia qualidade literária em diversos gêneros e estilos, carisma, simplicidade e popularidade. Em muitos dos seus livros, trazia o contexto social do Brasil passeando pela culturas portuguesa e africana, sem negar suas raízes nordestinas. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo era romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional. Recebeu, dentre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Seus livros foram traduzidos para várias línguas e adaptados para o cinema, teatro e televisão.

O edital do **Selo Literário**, ao lado dos projetos **Literatura na Praça**, **Sacola Literária**, e da plataforma virtual **Caminhos Digitais da Leitura**, além da reforma e reestruturação das Bibliotecas Edgard Santos e Denise Tavares, visa aproximar cada vez mais o cidadão soteropolitano ao hábito da leitura, essencial para a formação de uma sociedade consciente e participativa.

Quero encerrar agradecendo às colegas Jane Palma e Magnair Barbosa, responsáveis pelo projeto, e à comissão de avaliação, que cuidou da seleção das obras. Boa leitura!

Fernando Guerreiro  
Presidente Fundação Gregório de Mattos



## *Sumário*

Inteiros .....	15
Meus Dias .....	16
Estilhaços .....	17
Nossa Queda .....	18
Embora .....	19
Pavão Sem Cor .....	20
Narciso .....	21
Cardume .....	22
Foz .....	23
Sopro .....	24
Pedras Portuguesas .....	25
Partido .....	26
Vitral .....	27
Nunca Mais o Rio .....	28
Ímã .....	29
À Capela .....	31
Bazar da Coisa Azul .....	32
Um Homem de Asas Enormes .....	34
Vaso Contemporâneo .....	35
A Pedreira .....	36

As Pequenas Ondas .....	37
Não é Espelho .....	38
Manual Para a Composição de Vitrais .....	39
Pelas Sombras .....	41
Pela Floresta .....	42
Anoitecer N. 2 .....	43
Vagalumes .....	44
Encruzilhada .....	45
O Manto .....	46
Oferenda .....	47
Barco Cego .....	48
O Moço .....	49
Invisível .....	50
Marulhos .....	51
Os Pés .....	52
Vento .....	53
Metade.....	54
A Vista .....	55
O Homem Atrás dos Óculos .....	56
Olhos Seus .....	57
Cacos .....	58
Através do Vitral .....	59
A Nudez dos Vidros .....	60
Palimpsesto .....	61

*INTEIROS*

Nada falta depois da quebra,  
pois tudo é inteiro em cada caco,

e ao que fora, ao que seja  
cada pedaço desassemelha.

Não há simetria nos estilhaços.



*MEUS DIAS*

Meus dias são feitos de suor,  
o seu ainda na minha pele,  
no ar,  
em todo o quarto,  
delírio incontrolável  
de quem  
nunca está só,  
mesmo solitário.

Meus dias são feitos de ouvir  
a chave  
virar à porta,  
toda minha vida nestes segundos  
antes da hora  
em que você entrará  
com sua presença  
eterna de memória,

os fios de cabelo na pia,  
o pão  
desperdiçado na mania  
de comer  
o miolo cavado,  
lenta contemplação,  
trigo morto  
na agonia  
de ter a alma arrancada,

pão nosso de cada dia  
maltratado,  
sem deus, sem corpo, sem festa.

Meus dias são cheios de você  
e tudo o que não tenho  
é o que resta.

*ESTILHAÇOS*

Tanto faz por onde,  
qual começo se eleja,

tanto faz, enfim,  
qual fim se deseja.

Estamos estilhaçados.

Que importa o caco  
a se recolher primeiro,

se há sangue em todos  
e nenhum é mais espelho.

*NOSSA QUEDA*

Nossa queda  
nossa vertigem cotidiana  
rosas secas nos vasos  
ocos vasos  
nós dois  
falhas tênues na porcelana

nossa quebra  
nossa trincada pele branca  
rosas mortas no chão  
chão sem nada  
cada um de nós  
pálidas fraturas sem ânsia

*EMBORA*

Embora idos todos,  
há muito que restou

ainda.

Não pedaços, não inteiros,  
o bastante para a vida.

Poucos cada vez e tantos

e tanto que demais —  
nem sei se canto ou calo —

espanto de sabê-los.

*PAVÃO SEM COR*

Um melancólico pavão sem cor  
está morando em meu quintal agora,  
penas da cauda postas sem a glória  
de outros pavões que, fora, sem pudor,

desfilam com seus vitrais multicores  
a denúncia de que aqui dentro há  
mais por sentir e menos por cantar  
desde que se foram os meus amores.

Partidos, não por ir, mas, sim, quebrados,  
estilhaçados espelhos sem sorte  
sob o jugo do mais fingido acaso:

a sentença de um deus feito de inveja  
por ter como esposa somente a morte  
e viver num quintal sempre sem festa.

*NARCISO*

Narciso à rua sem o lago  
a fazer a si translúcido  
um outro que mesmo e único  
ainda sonha em ser plácido.

Narciso sonha o futuro,  
sem ninfas — o amor oculto  
aos olhos que miram n'água  
o reflexo de sua cara.

A rua, não lago, as luzes,  
tudo lhe escapa tão rápido,  
vidros, metais, tantos carros...  
nenhum reflexo se funde.

Narciso em vão se procura  
imagem inteira e clara,  
neste fluxo ininterrupto  
dos automóveis que passam.

Eis Narciso sem Narciso  
correndo à beira do asfalto  
em busca e em fuga de si,  
desencontro de pedaços.

E sem o reflexo, sua alma —  
ah! O tempo das ausências,  
época dos abandonos —  
nem o amor de si contempla.

Eco, a ninfa, enfim se vinga,  
pois se ao tempo tudo escapa  
não há na rua quem reflita  
a cidade que refrata.

*CARDUME*

Jogar-me corpo no rio,  
dentro, no fundo, afogado,

dividir-me do sombrio,  
partir sem ar ou passado.

Pelo cardume ser livre  
por cada peixe guardado.

Inteiraente ser mil  
e renascer aos pedaços.

*FOZ*

Eis que deságua um corpo de água  
fluente sobre outro — que importa? —  
talvez mar, talvez rio, talvez lago,

fluente ou parado, talvez artificial  
barragem sem fluxo, corpo forçado —  
que importa, se há o encontro afinal?



*SOPRO*

Aspira entrecortado  
ar em goles fracos,  
sopra em sufoco e asco  
o dentro em podre  
e afoga  
em bÍlis  
o mal do mundo.

Apaga de ti tudo  
o que a ti esmaga.

O que ficar,  
traço que seja,  
esboço vago,  
cuida que desenhe  
novo fôlego  
e te emprenhe  
ao menos um pedaço  
de futuro e sopro.

*PEDRAS PORTUGUESAS*

De mim as pedras portuguesas  
contam claros e escuros  
e faltas e tropeços  
e toda a poeira que escapa  
dos buracos de mim.

Mas qual o sentido de ser mosaico  
o caminho que faço  
da casa à beira,  
do alto ao paço?

Toda a gente sabe:  
as pedras de calcário  
são engano e perigo,  
piso em falso.

*PARTIDO*

De mim parti sem partes  
deixadas que foram assim

ao caminho torto dos dias  
como rastros do que senti

e que ainda, sem elas, seguem  
comigo sempre até o fim.

*VITRAL*

Um vitral não se faz de apenas ser  
vidro e chumbo à força colados,

matérias de natureza falsa,  
irmãos trocados em que

o vidro etéreo na verdade é duro  
enquanto o chumbo é maleável.

Um vitral não é corpo,  
Um vitral não é alma.

Um vitral se faz de menos ser  
e mais de deixar transparecer

o fora dentro invadindo,  
o íntimo fora exposto,

o trânsito da luz à sombra  
e a mostra do que é entranha.

*NUNCA MAIS O RIO*

Nunca mais o rio, essa metáfora  
a dizer-nos a vida e suas mágoas,

pois vivemos à beira-mar, à foz,  
e pouca é a terra que nos sobra.

Muitas ilhas, pontes quase nada,  
barcos poucos, muitas vagas.

nem tanta poesia agora salva  
se em cada ilhéu estamos sós

*ÍMÃ*

Ímã, a palavra,  
quem diria,  
é signo e física  
e filosofia.

Dois sinais acima  
opõem-se  
tônicos e nasais,  
iguais  
na força que põem  
um contra o outro,  
opostas vogais,  
confronto.

No mundo real —  
isto que não vemos —  
os polos se alimentam  
do que não se é  
no outro  
e do que se é  
no oposto,  
uma força a quase partir,  
despedida nunca cumprida,  
pois, se se efetiva,  
cria-se nova intriga.

Um ímã nunca será um  
por mais que se divida.

E eu,  
nós todos cada,  
quantos opostos  
a cada um,  
quanta dor

na força que racha  
e jamais, por fim,  
parte  
e abandona  
e apaga.

Fraturas,  
fractais,  
ímãs,  
sem nunca o descanso na vida.

*À CAPELA*

Que importa ao vitral  
se um vidro racha  
e de tanto sol  
alguma cor desbota  
se a beleza que busca  
é dividir a luz  
o mais que possa,  
quebrar-se e quebrar  
para que dentro  
o que é fora  
nem seja outro  
nem igual  
e à capela escura  
faça-se mais luz,  
ainda que irreal,  
para a loucura  
que nos consola.



*BAZAR DA COISA AZUL*

Meus pés descalços estão azuis  
de tanto que te sonhei  
pelos dias de azulejos  
pela estrela no meu peito  
também azulada e grávida  
de meu desejo.

Pintei-te em cada folha,  
em cada pétala quente  
da estrada à beira,  
da cor mais incerta  
e mais diferente.

Pintei de azul mil cidades:  
Zanzibar, Paris, São Paulo.  
Fiz carnaval no oriente  
onde o azul é mais distante.

E à estrela mais azul, à fada,  
como eu implorei não ser madeira,  
pois milagres não nascem em árvores  
e árvores não podem ser azuis  
se o segredo em si não trazem.

Uma fita azul de teus cabelos  
roubei para amarrar-te inteira  
numa festa de maracatu  
em que todas as cores, várias,  
dançam como insensatas  
o sonho de serem mais azuis  
que todas as formas da água  
que o artista inventa de pintar.

Meus pés azuis, meu olhar vago  
ao bazar da vida expostos...  
quanto desprezo de quem os via  
oferecerem-se inteiros e francos  
sem qualquer paga pedirem.

Fiz pregões desesperados,  
chamei-te noite e dia,  
todas as tintas azuis nas ruas  
a escrever a tua chegada  
sem saber que na verdade  
já te compunha uma elegia.

*UM HOMEM DE ASAS ENORMES*

Um homem de asas enormes  
apareceu em nossa vila  
mais um morto que andarilho,  
pois as asas lhe pesavam.

Eram enormes, sem fim,  
e cobriram nossos campos  
até matar nossos grãos  
e espantar os animais.

Maravilhamento e fúria  
dividiram nossa vila:  
matar o homem com asas,  
louvá-lo com um altar.

A fome não nos matou,  
um homem não nos matou.  
Matou-nos não ter mais asas,  
matou-nos não mais andar.

## VASO CONTEMPORÂNEO

Estranho mimo aquele vaso, veja:  
de um oriente incerto, sem acaso,  
sua falsa paisagem de incertezas,  
ao pedestal, exhibe-nos rachado.

As rachaduras se colam em ouro —  
mais nobres do que uma cena de outrora  
feita com pena de pássaro morto —,  
a arte do *kinsugi*, toda sua glória.

Que arte agora sem ouro e paisagem?  
Vale-nos do vaso o caco perdido  
que nem todo o engenho nele encaixe,

servem-nos pedaços ao chão caídos —  
nem mais o vaso, nem o ouro, nem a arte —  
e o gesto efêmero de quem os varre.

*A PEDREIRA*

No lugar da minha infância,  
à beira do mar, havia  
um morro, pra mim montanha,  
em que homens investiam

cinzéis e marretas e tédio  
todos os dias sem vontade  
num fingimento de fé  
de quem recita o evangelho.

Depois de anos, esses homens  
venceram a natureza,  
removeram a montanha.

Golpe por golpe, a dureza  
fez-se lembrança que some  
quando se perde a infância.

## *AS PEQUENAS ONDAS*

As pequenas ondas que à praia chegam,  
sincopadas como em partitura clara,

trazem, em rigor de esperança,  
cada dia que, perdido, ainda em mim

quer ser o mar que deságua no rio  
e que refluí terra a dentro em vigor

de quem sabe acertar o caminho  
da volta, da casa, do quarto e cama

em que se nasce e se descansa antes  
de, ao cais, dizer adeus ao ninho.

*NÃO É ESPELHO*

Não é espelho  
se refrata:  
água que engana e afoga  
o tolo que, buscando-se,  
joga-se dentro em ânsia  
do conhecimento de si.

Não é espelho  
se corta:  
lâmina que a carne amola  
na tola espera da morte,  
talha-se pedaços em ânsia,  
mas não sangra. Sem sorte.

*MANUAL PARA COMPOSIÇÃO DE VITRAIS*

Para tudo é preciso — dizem —  
força, espera e esperança:

Com a força, carrega a maior  
que você possa e pesada pedra,

carrega-a e sobe — não há pressa —  
do lugar a mais alta montanha.

No topo, faz dois bancos como puder.  
Em um senta e espera — na mão a pedra.

Ao outro deixa estar como parceira  
a esperança dos que ainda têm fé.

Tudo isso é preciso:

A espera que chegue o dia exato,  
a esperança na sorte dos acasos.

Se você tiver vivido bem até ali,  
surgirá no céu o arco multicolor.

Não se comova, não chore, não ria.  
A arte se faz com veias frias.

Empunha a pedra e arremessa.  
Qualquer piedade será fracasso.

Se a mão for firme, o gesto largo,  
choverão na planície mil estilhaços.

Desça — ainda não há pressa —,  
a arte é feita de maturação.



Cava agora a terra até o centro  
e retira de lá a lava de chumbo.

As mãos em brasa, a vista cega,  
começa a sua composição.

Qualquer desenho será lindo  
Se feito de íris e carne.

A arte é não sobreviver,  
mas (des)fazer-se em parte.

*PELAS SOMBRAS*

Estivemos pelas sombras  
separados,  
um do outro,  
cada um de si,  
perdidos  
e presos a um destino  
implacável.

Quando à primeira luz  
encontraram-nos,  
nossos corpos  
enlaçavam-se,  
olhos vazados,  
bocas abertas  
a chamarmo-nos  
já em outra escuridão.

No sonho que vivíamos  
o calor era mesmo o abraço  
e não sentíamos,  
o amor estava ao lado  
e não sabíamos.

*PELA FLORESTA*

Espalhei pela floresta  
as pistas para voltar  
a casa, ao colo  
e à alegria,

Mas a vida não é conto  
e não acaba em festa  
com a bruxa queimada.

Eu, sem migalhas,  
tirei de mim as pistas,  
deixei pedaços ficarem  
pelo mato sem trilha.

Desfiz-me de mim  
para poder marcar  
tudo porque passei  
e vivi.

E quando então livre  
para o doce retorno,  
nada mais havia  
do que fui de mim.

*ANOITECER N. 2*

Fechou-se a pálpebra do dia.

As aves obscuras fugiram

para um crepúsculo sem tempo  
cravado fundo no meu peito.

O céu ficou deserto e negro  
como a noite que, antes de Deus,

havia por todo o firmamento.

Nada mais por mim neste escuro,

nada mais por mim nesta vida.

Fechou-se em noite meu futuro.

*VAGALUMES*

É uma cidade sem escuros  
com suas vitrines acesas,  
as luzes atravessando a madrugada.

Não há lugar para as noites sem lua da infância:

íamos todos em algazarra,  
os irmãos, os primos, todas as crianças da rua,  
a caminho da praça.

Gostávamos de sentir medo dos barulhos,  
dos silêncios súbitos.  
Só os vagalumes vigiavam  
com suas luzes indecisas e errantes.

E era tudo um mistério,  
enquanto não vinha a luz que aguardava.

Guardo em mim sempre  
os vagalumes e aquelas noites escuras  
ao caminhar na feérica cidade.

Clara e exata e insone,  
sem sonhos, sem nada.

*ENCRUZILHADA*

São precisos dois caminhos — não menos —  
para fazer no tempo e no terreno  
o ponto de partida e de chegada;

ponto fértil para rosas... dos ventos,  
ponto forte para dizer lamentos  
nos entredestinios da madrugada.

Assim cruzados, noite e dia, sendo  
como pais que seus filhos seguem vendo,  
são os deuses guias de nossa estrada.

É neste altar, — o lugar e o momento  
das demandas e dos rogos de alento  
feitos — que se faz uma encruzilhada.

*O MANTO*

Bordar no manto  
o desfio constante  
do tempo entre os dedos.

O manto  
arrastado na estrada,  
o pó nos pontos,  
tanta poeira vermelha,  
o bordado multicolor  
de pássaros, flores  
e ecos  
sussurrando  
o vento na nuca.

A chuva  
que pesa os ombros,  
todas as poças,  
todos os galhos  
na trilha  
rasgando o manto.

Os retalhos que sangro,  
o sangue da tinta.

Escrever no manto  
vida,  
sonhos,  
aquilo que virá  
um dia.

Clamo.

Pedir ao manto,  
bordar com esperança  
futura nostalgia,  
um momento no manto,  
todos os momentos  
em trama apertada,  
os remendos que restam  
o frio pelas frestas.  
os fios na estrada.

*OFERENDA*

aí oferto,

mãos abertas,

o que por dias  
foi sofrido calado

é deste trazido  
que espero,

mãos em setas,

o traduzido  
o transpassado

faz,  
eu peço,

mãos em rezas,

Faz,  
eu pago,

mãos em ofertas.



*BARCO CEGO*

O barco perdido na madrugada  
não sabe se vai no rio ou já é mar

e, por não saber assim quase nada  
do que deixou e do que encontrará,

faz de destino as águas que navega,  
faz de seu fim, porto, seguir às cegas.

*O MOÇO*

eis o moço

o viajante

o centro do oco

o depois e antes

o que desvia a mensagem

o que finge, pajem, a paz

e não entrega

Ele tudo carrega

a carga e os caminhos

Ele tudo fecha à chave

e sabe

nada se abre

sozinho.

*INVISÍVEL*

Às ruas, na multidão, invisível...  
lá estive por muitos dias tristes.

Passavam por sobre mim olhos vazios  
ouvidos surdos ao que eu sentisse.

Toda a vida estive assim apagado  
dizendo de mim ao mundo que

passava alheio como hoje passo  
meus dias de vida sem saber.

Por não me notarem os homens  
é que vivi mais que devia

e, pelos corpos cegos que hoje somem,  
passei o amor que não podia.

*MARULHOS*

Ouvi a vida muito distante  
como esse mar à minha porta,

que chega quase a tocar-me  
uma carícia de amante,

mas hesita suas ondas, recolhe-se,  
esvazia-me e jamais me escolhe.

*OS PÉS*

Os pés sozinhos fazem  
o caminho sem ensaio,

cada um por vez o passo,  
pouco a pouco o amargo

de servir e seguir embaixo  
o desnordeio do alto.

*VENTO*

Esperiei pelos cantos as epifanias  
como quem espera o olhar enfim,

o quente sopro, as alegrias  
de sentir ânsias sobre mim.

Esperiei como quem espera ventos,  
a passagem, a passagem apenas,

por sobre mim, através, dentro,  
pequenas promessas do que seria.

*METADE*

Pela rua todas as vidraças  
por bolas, crianças e pedras

vão sem mim quebradas  
como numa grande festa.

Eu, lá dentro, quarto fechado,  
estou muito além da cidade.

Meus sonhos são sempre inteiros  
e a vida não é metade.

*A VISTA*

A janela do apartamento  
é vitrine realista  
que pretende mostrar  
sem vincos a vista.

Quero janelas de vitral  
em que minha vista  
não alcance a paisagem  
e nunca insista.



*O HOMEM ATRÁS DOS ÓCULOS*

Tem poucos, raros, amigos  
o homem atrás dos óculos

e mesmo muitos, se houvesse,  
jamais os teria inteiros.

Atrás dos óculos o mundo  
do homem sem amigos

é ilusão de luzes, desvio,  
raios em conflito.

Todo o espectro que há,  
por luz total definido

e já por si irreal,  
ao homem jamais alcança.

Os óculos, tantas lentes,  
cada uma em seu grau,

disputam imagens várias  
para ser, cada, mais igual

ao que no mundo se reflete  
em luz toda sua gama,

mas a lente que ajuda  
é a mesma que engana,

aproxima o mundo perto  
enquanto a tudo muda.

Tem poucos amigos o homem  
atrás da lente dura.

*OLHOS SEUS*

Olhos noturnos  
sem névoa  
toda a imensidão  
transbordante sobre mim

Olhos brilhantes  
sem trégua  
perseguindo-me  
como prisões

Olhos negros  
de um castanho  
esquecido  
na desventura

Olhos de segredo  
de revelações  
negadas  
em noites de amor

Olhos seus  
os meus  
refletidos e afogados  
na água escura

Olhos de céu  
astronômicos  
salpicados de estrelas  
sem chão

Olhos de morte  
brilhos fantasmas  
do que agora são  
estrelas apagadas

*CACOS*

O piso de nossa casa,  
da calçada ao quintal,

se fez de muitos vários  
cacos ao acaso colhidos.

Restos de construções,  
frutos de prédios ruídos,

foram essas as provisões  
que nos deram nosso piso.

Brinquei toda a infância  
nestes pisos multicores

tentando adivinhar os pares  
separados na circunstância.

Nada nunca fez sentido,  
nenhuma peça tinha irmã,

cada uma por si era só  
sem encaixe ou guarida.

Aprendi cedo a aceitar  
que sempre em nossa vida

nada tem o tamanho exato,  
tudo são apenas cacos.

*ATRAVÉS DO VITRAL*

Eu lhe vejo por trás desses vidros  
que se dividem e diferenciam  
para de novo se juntarem  
na pintura de um retrato.

A luz de seus olhos através  
se multiplica em muitas cores  
e muitos olhos e rostos  
e você para mim é mais ainda  
do que já senti em minhas noites.

Não estamos juntos,  
nem sei quem é você nessas imagens  
e talvez você nem me veja  
pois sei que não tenho cores.

Não brotará de mim através do prisma  
nada mais que o olhar cinza  
ninguém além, nenhum duplo.

Você realmente não me enxerga,  
tão múltiplo o espectro do ser,  
eu tão único.

Pouco sem extensão,  
pouco sem profundo,  
mero suporte no vitral  
opaco chumbo.

*A NUDEZ DOS VIDROS*

Queria ter  
a nudez dos vidros  
translúcidos e plácidos  
acolhendo a luz e os olhos  
que por si passam,  
paíram e param.  
As mãos suadas de desejo  
em toques deslizados.  
O hálito,  
os dedos desenhando  
no embaçado.

Queria ter  
a dureza dos vidros,  
que jamais cedem,  
fácil quebram  
e, cacos,  
logo esquecem  
o passado.

*PALIMPSESTO*

Já lhe contei tantas vezes  
da cicatriz na pele,  
do risco na página  
como se a fala  
fosse enfim a cura.

Que nada!

Papéis, palavras,  
carnes e feridas,  
qualquer imagem  
facilmente conseguida,  
por mais que se raspe  
pele e página,  
não encontrará lugar  
para outra vida.







O texto deste livro foi composto em fonte Garamond corpo 12 e 14, impresso em papel Offset 90g, na Gráfica e Editora Liceu, em 2019.

Depois do sucesso da primeira edição, lançada em 2016, o Selo Literário João Ubaldo Ribeiro tem a honra de trazer mais um conjunto de obras produzidas por novos e consagrados autores baianos. Para garantir a diversidade de gêneros, foram mantidos os estilos Conto, Crônica, Dramaturgia, Infantil, Poesia, Romance, Republicação e Livre.

A continuidade dessa iniciativa demonstra o quanto Salvador necessitava de uma ação que pudesse incentivar, valorizar e apoiar a produção literária local. Afinal, as belezas, a cultura, as tradições e as contradições da primeira capital brasileira serviram de estímulo e inspiração para grandes nomes da literatura brasileira e mundial, dentre eles o próprio baiano João Ubaldo Ribeiro, que dá nome ao selo.

Com o Selo Literário, a Prefeitura e a Fundação Gregório de Mattos prosseguem com a missão de investir no mais importante elemento de identidade da capital baiana: a cultura.

*ACM Neto*